

mojo
BOOKS

Bush

2
años
2006
2008



Recontado por
HUGO DE PAULA

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

RAZORBLADE SUITCASE
HUGO DE PAULA

uma história inspirada por
RAZORBLADE SUITCASE
BUSH

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY HUGO DE PAULA
PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

RAZORBLADE SUITCASE

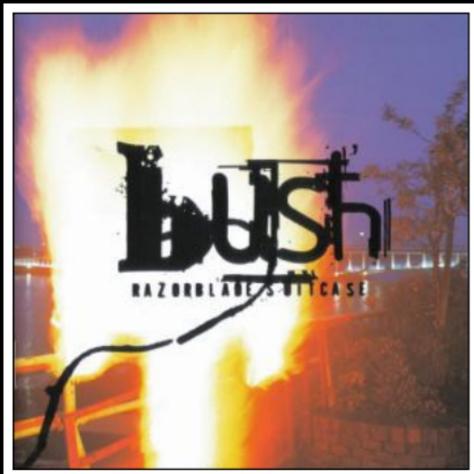
HUGO DE PAULA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **HAYDEE UEKUBO**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Personal Holloway
2. Greedy fly
3. Swallowed
4. Insect kin
5. Cold contagious
6. A Tendency to start fires
7. Mouth
8. Straight no chaser
9. History
10. Synapse
11. Communicator
12. Bonedriven
13. Distant Voices

RAZORBLADE SUITCASE

BUSH

LANÇAMENTO: **NOVEMBRO DE 1996**
SELO: **TRAUMA/INTERSCOPE**



RAZORBLADE SUITCASE

HUGO DE PAULA

I.

Eu sou um lote de ações que nasceu quando ninguém esperava muito. No começo valia pouco, mas alguns acreditaram e compraram uns percentagens lotes maiores e conforme fui crescendo e aprendendo a falar, fui valorizando.

Virei um bom negócio.

Engraçado é ver a aristocracia se gabando dos resultados sem saber dos caminhos imundos, imorais, irreais, que eu, sozinho, tive de atravessar pra no fim o todo discordar, desacreditar, mal se importar. Fins sacrificam os meios.

E eu lá, sozinho, tropeçando em meios-fios, pulando catracas de metrô, caído em parques com a cara pro sol, sem forças pra levantar; depois de comprar, engolir, usar e desperdiçar toda minha serotonina mais uma vez.

Vontades e felicidades a um comprimido de distância.

Com todo mundo e sozinho; ou com alguém que acabara de arrastar minha alma. Eu deixava a alma andar sozinha, ia pela compaixão, sempre sabia que podia entrar e sair de qualquer lugar, e era melhor assim. Às vezes, quem entrava comigo não conseguia fazer o mesmo.

Medo. Esqueci o que é isso.

Normalmente é bom ser frio, mas acho que não nasci pra ser normal.

Feliz eu seria se existisse Céu e Inferno.

Iria pro Céu só pra ligar uma guitarra distorcida por lá.

Vou pra onde quero. Se Deus existir, ele não vai querer me conhecer, vai ser melhor pra ele. Não me dou bem com estranhos, principalmente os com síndrome de superioridade, cheio de regras, tarefas. Simplesmente não ia dar certo.

Inferno.

Já ficou numa solitária alguma vez?

Não acredito na fantasia do Bem e do Mal, e morrer eu não morro, já quase morri uma vez e sem querer aprendi a lição.

Felizes devem ser os que esquecem as coisas pela natural falta de memória ou simplesmente por não terem sido criadas para decorar tudo - APRENDA, APRENDA, LEMBRE, FAÇA!

Legal quando o seu pai é alguma coisa e quer que você seja como ele.

Complicado quando você tem de ser mais, mais, mais, mais.

Se você pode ter um estúdio, por que depender tanto de uma só guitarra e um caderno?

Se você pode ter o mundo, por que se contentar com uma cidade?

Eu queria, eu queria ...

Já não sabia mais o que queria.

Queria só fugir das linhas. Usar as linhas. Desconstruí-las.

Canso de lembranças, mas nunca vou deixar de ser um nostálgico sem muitas expectativas para o futuro próximo. Mas se não fosse a memória, hoje eu não seria um terço do que sou. Então, continuo lembrando, gravando, lembrando.

Sempre me fodo quando me apaixono (ou seja, basta um dia no metrô de Fulham, a Picaddilly Circus), ou cruzar a King's Road no 22. Lembrar o rosto de uma pessoa que você viu por um segundo por um mês é... INSUPORTÁVEL.

Imagine uns dias, uns meses, um ano.

Da memória fotográfica faz-se um filme. Sem roteiro numa narrativa não-linear e direção descontrolada. Eu gosto de ter o controle de tudo, só pra conseguir mudar a rota-padrão das coisas, só pela adrenalina que mora na contra-mão.

Alguns vão te chamar de gênio sem imaginar que poder ser qualquer coisa é a maior maldição do homem, que aumenta de forma proporcional ao seu QI. Eu sou um nada, mas tem muitos bem piores. Isso acaba comigo, são poucas as pessoas com quem consigo conversar, menos ainda as que podem me ensinar alguma coisa que eu já não tenha aprendido sozinho.

Queria que houvesse uma média entre os seres humanos e todos ficassem com a mesma capacidade intelectual, mesmo sabendo que eu ia ser menos do que sou.

Mas claro, só comecei a pensar nisso quando já era tarde demais, quando a maioria dos meus amigos que viveram muitas das mesmas coisas que vivi, hoje mal lembram seus nomes. Por todos os lados todos fumam, bebem ou cheiram tudo o que vêm pela frente. Todo mundo quer perder o controle, todo mundo quer ter uma desculpa, todos querem culpar alguma substância por alguma merda que fizeram.

Piores os que entraram pra Igreja. Acharam melhor deixar o dinheiro das drogas pro pastor comprar suas próprias drogas, do que ficar com o dinheiro e não conseguir pensar em outra coisa a não ser nas drogas.

São inocentes que acreditam na maior mentira do homem, que deixaram de acreditar em si mesmos em vida, antes da morte.

A vida vai. A alma, se sobrar, é uma estúpida massa de memórias contra sua consciência, sem vontades ou verdades, sem abraços ou pecados. Só perguntas.

Eu costumava lembrar tudo, agora encontrei bons amigos, e a perda de memória é só um efeito colateral. Agora sufoco a memória, e pago o preço de nessa mesma fumaça também perder coisas que não devia esquecer. É temporário, e o tempo não pára.

Espero que no Fim não exista nada.

Queria simplesmente desconectar. Mas não encontro meu *wireless*.

Consciência. Levo a minha comigo, e já penso num *backup* em um *pen-drive*.

Penso, penso, penso, depois escrevo, uma parte do que pensei.

Idéias, planos, apostas.

Morei os últimos anos em Londres, lá comprei uma viagem. Foi a propaganda mais bem feita que já vi. Bastante vermelho. Eu sou só mais um consumista.

Em 2023 vou conhecer o Sol, morte pré-datada.

Espero não morrer antes, porque paguei caro.

Que a minha consciência exploda junto comigo e que vire uma onda de baixa frequência que ninguém veja, ou escute, mas sinta.

Vou ecoar pela eternidade.

Fui um dos primeiros a encarar esse novo funeral consciente. Vou ser cremado. Vou me cremar.

Maioria dos meus amigos quer ter um carro. Vendi o meu e ando de metrô.

10 Aquecimento global. Quem se importa?

Contra toda a febre, paracetamol.

Esse é o nome da expedição “PARACETAMOL”, saindo de Heathrow, Londres, parte pro Sol em 25.02.2023, não sei o porquê da data, mas talvez seja o aniversário de alguém, sempre é assim que escolhem datas: amor.

Chamaram a idéia por todo o mundo de loucura. Por essas, eu sempre fui apaixonado, principalmente as que deixam meus pais e meus amigos loucos. Nesse caso, todo o mundo me olha como se eu fosse um alienígena.

E eu sou.

Sou meu melhor amigo e meu pior inimigo. Não sei se alguém consegue entender o que quero dizer, mas já desisti de tentar explicar, porque acho que eu também não sei.

O Sol, importante astro em minha vida... muitas vezes, quando eu estava perdido, apareceu pra clarear as coisas, pra esquentar, ou pra me acordar pra ficar olhando o rosto de quem estava do meu lado. Hoje durmo pouco, já dormi demais. Por anos me escondi do Sol. Não gostava de dias claros.

À noite eu me esquecia.

Nunca gostei de ser. Queria não ser, mas nunca achei ninguém que faria melhor que eu.

Não posso dizer se gosto de viver. Quanto mais conheço, quanto mais tenho, menos eu quero ter.

E sempre me complico por mulheres, gosto do perigo.

Já conheci alguns anjos, a maioria loiras, mesmo sem nunca ir à Igreja. O problema é que acabo acreditando demais em olhos castanhos.

Posso até ser enganado, o difícil é eu mesmo me enganar.

O espelho não mente, quem mente é quem dá as costas pra ele.

Dentro do meu espelho ficou minha consciência. Caso essa seja minha alma, podem levar. Façam um teste, resolvam o problema de incompatibilidade.

O mundo nunca vai acreditar em mim.

Ela também não.

É, devo admitir que não estava nos meus melhores dias, muitas coisas acontecendo, muitos novos amigos, muitas almas perdidas. Dias cinzas.

II.

Eu já tinha decidido naquela noite fria, depois de mais algumas cervejas, que voltaria para o Brasil no dia seguinte pois, se adiasse, continuaria no mesmo ciclo vicioso do qual eu já me cansara fazia um tempo. Mas sabia que enquanto estivesse naquela cidade ia continuar adorando o passeio.

Não sabia o porquê, mas às 3 da manhã eu já tinha chegado em casa, juntado as poucas coisas que carregava comigo e deixado a mala pronta. Basta.

Enfrentei a última manhã chuvosa, cruzei a praça, sentei no metrô, cheguei ao aeroporto. Ficava pensando no que estava por fazer, achava que estava abandonando meus sonhos, até a hora que ela sentou do meu lado e percebi que ainda nem tinha começado a sonhar.

– Você é brasileiro?

– Sou sim, como você sabe?

– Você acabou de me falar... – e deu um sorriso difícil de explicar, tão direto que desconcentraria qualquer um. Tão inocente que era difícil desconfiar; mas eu sempre fui desconfiado.

– Tá bom, você é toda gatinha, vindo puxar papo no meio do nada, no aeroporto saindo de um país. Não é porque você tá com medo de viajar sozinha é?

– Não – respondeu com um olhar distante.

Talvez ela não estivesse acostumada a não conseguir as coisas que queria só com um sorriso. Mas seu olhar de medo me fez abraçar a causa. Ela era muito linda pra ficar sozinha em qualquer lugar, e seja o que fosse que estivesse envolvida, eu entraria nessa. Eu estava na hora errada, no lugar errado, mas ela era muito forte, confiante. Pensei “O que ela faz, eu também quero fazer!”

– Você tá fugindo de quem?

– Polícia.

– Prazer, eu sou o Johnny. Adoro fugir, precisa de ajuda?

– Você é louco, – disse já mudando a expressão tranqüila. – Mas agora não posso sair daqui por um tempo... e fui eu quem começou isso. Preciso de ajuda, mas não venha querer me falar o que fazer, quando fazer, ou como fazer. Você vai fazer o que eu mandar, esqueça o que seu pai te ensinou. Se você quiser me ajudar, te recompensar no Brasil. Se não quiser é só sair andando, mas vai perder muita coisa com isso.

Enquanto ela gesticulava, e tentava dizer o que parecia um monte de instruções pra lugar nenhum explicadas num tom ameaçador, eu ficava encarando sua boca, viajando no seu cabelo.

Ela ficou puta comigo.

Eu parecia não prestar atenção no que ela falava, tive de repetir algumas frases do que ela tinha falado pra ela acreditar que eu estava simplesmente fazendo duas coisas ao mesmo tempo. Ela começou a gostar mais de mim, começou a ouvir mais, a encarar mais. O avião chegou. A poltrona dela 24, a minha 23. Coincidência?

Não. Só mais um sonho lúcido.

Ela começou a me provocar, percebeu que eu estava gostando dela, tinha conseguido seu objetivo e começou a contar de seus namorados, dos romances que teve, das viagens que fez, das drogas que gosta de usar, e ficava me chamando pra ir ao banheiro com ela. Recusei algumas vezes, mas a hora que ela mostrou os segredos que carregava no bolso, não resisti. A viagem ia demorar e eu queria que as horas passassem mais rápido mesmo.

– Tava achando que era pra me comer que eu queria te arrastar pro banheiro né seu putinho?

– Quanto disso você tem?

– Pouco. Mas tô indo pro Brasil buscar umas coisas, é o que faço, esse intercambiozinho – e deu um leve sorriso. – Preciso de ajuda, estão procurando uma morena que sempre viaja sozinha, essa foi a informação falsa que conseguimos passar, então vão parar algumas morenas enquanto eu saio com você do avião. Ninguém me conhece na Europa, mas São Paulo é foda, eu nasci lá, não me sinto bem em lugares familiares. Me ajuda?

E fez um apelo com o olhar enquanto dizia isso e passava a mão na minha barba por fazer.

– Meu, eu nem sei seu nome.

– Cláudia.

Eu não tinha muitos planos e de repente aquele olhar perdido no aeroporto, que conforme o tempo passava e o MDMA batia, parecia me prender cada vez mais àquela estranha. Eu já não estava nem aí, curtia a viagem. Curtia o barato.

Guarulhos. Ela vestiu o chapéu e sua pupila continuava brilhando,

realçando ainda mais seus olhos castanhos. Ela conhecia o aeroporto como se fosse sua casa. É estranho, mas estávamos voltando pra casa, pisando no Brasil, eu não sabia o que fazer ao sair dali.

- Viu? Olha aquela morena que tava do nosso lado no avião.

- Onde?

- Conversando com aquele cara de óculos escuros, certeza que é P2.

Comecei a ficar um pouco nervoso. Mas ela me tranqüilizou com um beijo.

- Eu amo você.

- Vamos pra onde?

- Tenho uns amigos aqui em São Paulo. Acho que vou passar uns dias por aqui, não quero voltar pra minha cidade por enquanto.

- Posso ficar com você? Ninguém te conhece, eu não te conheço, você não me conhece, mas vai ser só por uns dias, umas canções, umas ligações.

- Você é completamente maluca né?

Quanta beleza há nas pessoas imprevisíveis?

Simplesmente não dá pra prever.

- Tudo bem, mas meu, você é minha *girlfriend* de Londres. Meus amigos não podem saber nada sobre você, inventa uma história.

- Fica tranqüilo, sou boa em histórias. Vai ser só mais uma mentirinha.

III.

Entramos no táxi e partimos pra capital paulista. Fazia tempo que não passava por aquelas marginais, estranhei não ver mais um monte de propaganda por todos os lados, e já que a janela não era mais interessante, voltei a olhar pra quem estava nos meus braços. Me sentindo em casa, comecei a entrar na paranóia de estar com alguém que mal conhecia, que eu mal sabia o nome, não sabia até que ponto eu já estava envolvido com ela, nem como ela continuava tão calma.

Liguei para um amigo. Ele estava viajando mas a chave tinha ficado com o porteiro. Saiu melhor que o planejado e eu já não via a hora de ficar sozinho com ela.

* * *

– Porra, humilde esse seu amigo, hein? Mora no Morumbi sozinho num apê desses? O que você faz, hein? Tô começando a desconfiar de você gatinho.

– Eu não sou nada, meu amigo também não. Você é a fugitiva aqui, e eu espero não me foder por isso.

– Calma, antes da foda eu quero tomar um banho, - e saiu sorrindo.

IV.

- Deixa eu falar uma coisa ?

- Claro.

- Eu não estou fugindo da polícia tonto. É meio difícil explicar, mas senti que queria ficar mais perto de você no aeroporto e eu não tenho ninguém no Brasil. Fui me perder em Londres e não sei se vou conseguir ficar longe de lá. Gostei de você, já te vi cantando em algum lugar. Você canta né?

- Logo eu?

- Escolhi bem não escolhi? Dava pra ver nas suas olheiras o quanto você precisava de alguém pra conversar também. Era o que eu queria.

Ela inventou um monte de histórias, fez tudo parecer verdade, me fez ficar apaixonado num segundo e, de repente, fala que era mentira. Eu não sabia no que acreditar, mas o Sol já tava nascendo e ela tinha adormecido.

Loira, toda descabelada, e eu ainda sentia o cheiro do vinho que embalou seu sono. Fiquei ali parado, vendo o Sol nascer, brilhando naquela carinha inocente que acabara de me contar suas mil mentiras.

Se um dia eu sentir saudade, será desses momentos em que ela fica quieta... e por nossos momentos de falar, cantar, bater o pé, tirar o esmalte da unha, sentar, levantar, me chamar pra sair, pedir uma vodca ou falar que quer ir embora porque está com fome.

V.

Amar.

Complicado explicar até pra mim mesmo o que eu sinto por esse ser que surgiu como uma corda estourando no meio do meu maior *show*. A harmonia estava ali... parecia tudo pronto, mas de repente eu não queria ser mais um baixo de quatro cordas, queria ter cinco. Não queria ser uma guitarra com seis, queria um piano.

Sabe quando você não sabe o que fazer?

Amar é abraçar por telefone.

E ela, por enquanto, eu tinha conectada aos meus braços.

VI.

Tostei um cigarro, sentei, peguei uma seda e bolei bem devagar enquanto acordava. Eu refletia e tentava deixar o câncer de pulmão alguns minutos mais longe de mim. 23, 27, 32. Números, só alguns números.

– Johnny? O que você tá fazendo acordado a essa hora?

– C? *It's half past twelve already, darling.*

– Você é um velho que gosta de acordar cedo. O que você tá fumando?

Hash?

– Não, não. Cigarro... só cigarro. Relaxa aí.

Passsei mais alguns minutos na sacada vendo a galera indo e voltando, ela passou mais algumas horas dormindo, roncando e virando na cama. Ninguém é perfeito.

Se Londres fosse a alguns quilômetros ao norte pela Dutra por São Paulo, ninguém notaria a diferença. O céu cinza, que todo mundo tem de se enganar e fingir que está tudo bem, lá é um pouco mais frio. Aqui garrowa, ali, pessoa.

Quem é essa pessoa?

VII.

– Johnny, você quer que eu te conte mais sobre mim ou quer casar comigo?

– Eu sou previsível, você sabe a minha resposta.

Eu tinha passado a tarde inteira conversando sobre coisas tão absurdas que eu sozinho jamais conseguiria imaginar. Eu estava no Brasil, mas no meu passaporte continuava o carimbo de entrada na Inglaterra. Não achei que ia sair de lá e, de repente, estou aqui, pensando o que nunca havia pensado.

– Rio.

– Nunca fui pro Rio.

– Vamos pro Rio?

– Não gosto daquele lugar.

– Vamos... por favor? Por mim?

Quando eu vi, já estava encarando a placa Bairro Peixoto ->, Copacabana <-.

– Conhece o Copacabana Palace, linda? Tem um albergue ali por perto, só fica gringo lá. Preciso de um lugar onde as pessoas falem inglês, preciso me enganar.

– Compra o Copacabana Palace pra mim?

– Se você merecer, talvez daqui uns meses.

– Vou ser boazinha então. – Ela disse. Que sorriso era aquele?

No albergue, imitamos um sotaque e fingimos ser um casal de italianos.

Uma mentirosa e um mentiroso, que combinação.

Ela com aquela cara de quem já passou por muitos albergues, chorou e conseguiu um desconto. Pegamos um quarto maior e com TV a cabo, mas claro que no Rio de Janeiro a menor preocupação é com TV.

– Quarto o caralho, eu quero esse *lounge* pra mim. – disse.

Já no primeiro andar tirou uns bêbados que estavam de boa curtindo uma ressaca, e foi por ali que a gente perdeu mais uma noite... e eu não dormi mais uma vez. Eu não estava dormindo muito, já não conseguia controlar a vontade de estar acordado do lado dela, queria escrever o que estava acontecendo, tentar fazer uma música, escrever um livro, mas não conseguia nada. Então, quando ela pegou no sono, tomei meu *redpill*, uma mistura de ginseng, guaraná e cafeína que mandei fazer pra dias em que eu simplesmente precisava ficar acordado. E esse era um deles.

Ela não gostava dos meus comprimidos, não tragava meus cigarros, e entupia meus pensamentos.

* * *

– Quero pó! - ela disse uma hora.

– Pó? Não meu... sério. Isso não. Sempre dá merda.

– Vamos arranjar umas balas, sei lá, um doce. Meu. Tô no Rio, porra, esse lixo europeu eu não quero. Quero pó. No Brasil é barato, tá aqui a grana. Ou você consegue pra mim ou eu vou dar uma volta por aí... e você sabe como é fácil conseguir.

- Bem, se alguém tem de entrar em beco, que seja o meu Asics Tiger, que já passou por tantas junto comigo.

Nunca vou esquecer o cara que me vendeu em alguma esquina que caía na Barata Ribeiro. Troquei umas frases com ele. É triste quando você está alto e começa a ver mais do que deve. Morro de medo de pessoas vazias e, aquele cara era mais um que morava em algum morro, levava uma tatuagem “Neide” no antebraço e pagava o que dava suas contas vendendo fome às pessoas.

Que droga não?

O homem Super-Homem e a mulher sem fome.

* * *

- Tá aí sua bolsa de 50. Mas vai com calma, que no Brasil mora a verdade. Sério meu, já passei mal com essas coisas. Já vi muita gente se perder com isso. Não preciso falar né?

- Não bobinho, fica tranquilo.

VIII.

– De onde você tirou esse carrinho de bebê?

– Comprei.

Lá estava, eu, ela, o pó e com um carrinho de bebê andando à noite na beira da praia de óculos escuros.

Sentamos. Conte pra ela minha viagem em 2023. Ela chorou quando eu disse que não importava o que eu tivesse aqui, com quem eu estivesse, como eu estaria. Eu embarcaria do mesmo jeito. Não quero enterrar meu passado, não quero me enterrar.

– Johnny, mas imagina se você tiver um filho. O que ele vai pensar?

– Ele não vai pensar. Se eu tiver um filho ele não vai saber antes disso que eu sou o pai dele. Sempre estarei por perto, vou mandar um, dois, o mundo inteiro cuidar dele, mas ele não vai me conhecer. Vai ser melhor assim, melhor pra ele. Ele sofre até os vinte e poucos, mas depois consegue se virar sozinho por mil anos.

– Você é louco?

– Não. Padrões Claudinha. Filhos sem pais se perdem, se perdem e se encontram. Só as almas perdidas se trombam e se entrelaçam nessa loucura como a nossa. É o preço. Ele aprende assim que amar não combina com anos... são momentos, minutos, um beijo.

As conversas continuaram, os assuntos saltavam de um para outro sem muitas perguntas, sem muitos porquês.

- Eu amo você.
- Eu também.

IX.

Resolvemos voltar pra São Paulo, estrada chuvosa, mas nada que umas *redpills* não resolvessem. Ela continuava falando pra eu parar de tomar minha cafeína, mas não parava de repetir o que os policiais falaram quando pararam a gente na saída do Rio e onde ela tinha escondido a cocaína.

X.

Festa na casa de uns amigos. Guitarras, baixos, bateria no *laptop*, *midi controllers*, e TVs de plasma com vídeos que não faziam nenhum sentido. *Brainstorm people*.

Claro que ela ficou amiga de todo mundo sem eu nem precisar apresentar pra ninguém. Por isso gostava dela. Eu podia ficar sentado, quieto, simplesmente olhando ela fazer tudo o que eu deveria ter feito, falado os “ois” que eu nunca gostei de falar, dado os abraços naqueles amigos que eu nem queria mais chegar perto.

Claro que poucas horas depois eu já a tinha perdido de vista e já tinha perdido a noção das horas. Por um tempo eu ainda estava na pira de ouvir e não ouvir. Uma hora, só escutava do lado direito. Depois, só do lado esquerdo. Cérebro e química.

– C!?

– Cadê você, porra?

XI.

Abri a porta do banheiro no andar de cima, e ela estava caída, mas olhava pra mim.

– O que aconteceu?

– Anfeta, micropono, pó, um pouco de vodca, e por aí vai... ah, e mais um comprimido pra dormir que tinha deixado guardada... a idéia desde que te conheci em Heathrow.

– Ah meu, não fala isso...

– Ah, velho, não encana. *Life's short, live your dreams*. Você nem me conhece... vai atrás de outra por aí. Tem muitas melhores.

– Mas eu não me importo com isso, porra. Não quero outras, quero você.

Tão triste ver o nariz sangrando, pálida. Tristes as memórias guardadas nas pupilas dilatadas.

– Eu NÃO quero.

– Não quero.

– Não quero

– Não.

XII.

Mais um cigarro, desta vez vermelho e sem tostar.

Esperando...

“ATENÇÃO PASSAGEIROS DO VOO 1984, PARTINDO DE GUARULHOS ÀS 23H00 COM DESTINO A LONDRES – HEATHROW, EMBARQUE IMEDIATO.”

Boné, olhos e jaqueta vermelhos.

Ela conseguiu levar minhas letras, deixou meus números, parou de completar minhas frases.

Sinto-me vazio, trancado no mundo da saudade.

XIII.

25022023.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br